

**COBERTURA
VACINAL CONTRA
O HPV AINDA NÃO
É SUFICIENTE**

COMISSÃO CIENTÍFICA



Bruno Ferrari
*Fundador e Presidente
do Conselho de Administração
Oncoclínicas SP*



Carlos Gil
*Diretor Científico
Oncoclínicas RJ*



Carlos Barrios
*Oncologista Clínico
Oncoclínica RS*



Evandro Fagundes
*Hematologista
Oncoclínicas MG*



Jacques Tabacof
*Hematologista
Oncoclínicas SP*



Luciana Landeiro
*Oncologista Clínica
Oncoclínicas BA*

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO



Michelle Samora
Oncologista Clínica
Oncoclínicas SP



Filipe Prohaska Batista
Médico Infectologista
Oncoclínicas PE

COBERTURA VACINAL CONTRA O HPV AINDA NÃO É SUFICIENTE

Trabalho conduzido nos Estados Unidos adotou estratégias dinâmicas por meio das mídias sociais para sanar dúvidas e conscientizar os pais sobre a importância dessa imunização. O Movimento Brasil sem câncer do colo do útero vem atuando fortemente no país para mudar esse cenário

Todos os anos são diagnosticados aproximadamente 12,7 milhões de novos casos de câncer em todo o mundo. Estima-se que até 2030 esse número na América Latina chegue a 1,7 milhão, resultando em mais de 1 milhão de mortes. Na publicação *Global Cancer Statistics* (GLOBOCAN) de 2018, as estimativas de incidência e mortalidade indicaram que a neoplasia de colo de útero é a quarta em termos de incidência e mortalidade em mulheres. No Brasil, de acordo com o Instituto Nacional de Câncer (Inca), o câncer de colo de útero é o terceiro mais frequente na população de sexo feminino. Estima-se que em 2020 houve uma incidência de 16.590 casos novos, com um risco estimado de 15,38 casos a cada 100 mil mulheres. “É a quarta causa de mortalidade por câncer em mulheres

no país, sem considerar tumores de pele não melanoma”, afirma Michelle Samora, oncologista clínica do Centro Paulista de Oncologia (CPO), clínica do Grupo Oncoclínicas em São Paulo. “Em 2019, ocorreram 6.596 óbitos por essa neoplasia, representando uma taxa ajustada de mortalidade por esse câncer de 5,33/100 mil mulheres”, complementa. Segundo dados do GLOBOCAN, aproximadamente 85% dos casos de câncer de colo de útero ocorrem nos países menos desenvolvidos.

Nos últimos anos houve uma incidência reduzida dessa neoplasia em países desenvolvidos, principalmente depois do advento da vacinação contra o papilomavírus humano (HPV). “Infelizmente, melhorias semelhantes não foram alcançadas na maioria dos países em

desenvolvimento, locais em que persiste a falta de prevenção (seja vacinação ou adesão aos exames de rastreamento) e a mortalidade por câncer cervical pode chegar a 87%”, lamenta a médica.

Conforme explica Filipe Prohaska Batista, médico infectologista do MultiHemo, clínica do Grupo Oncoclínicas no Recife, o esquema vacinal para prevenção contra o HPV inclui duas doses, sendo que a segunda pode ser realizada seis meses depois da primeira aplicação. “A vacina é destinada para meninas de 9 a 14 anos e meninos de 11 a 14 anos de idade. Atualmente foi ampliada para mulheres com imunossupressão de 9 a 45 anos e para homens nessas condições de 9 a 26 anos de idade”.

HPV E MÍDIAS SOCIAIS

Considerando-se a relevância desse tema para a saúde pública, pesquisadores americanos conduziram uma campanha de dez semanas para incentivar a vacinação contra o HPV nas consultas médicas de volta às aulas. Eles lançaram mão do alcance das mídias sociais Facebook e Twitter para atingir os pais de crianças na Carolina do Sul (Estados Unidos), fornecendo informações e abordando a desinformação. “Em apenas dez semanas, a campanha resultou em mais de 370 mil impressões no total, alcançou mais de 33

mil pessoas e culminou com mais de 1.122 seguidores. Houve mais de 2.700 engajamentos nas redes sociais. Além disso, o Facebook e o Twitter forneceram um modelo de baixo custo para o controle do câncer”, explica Samora.

Para Batista, o principal motivo que leva os pais a não vacinarem os filhos contra o HPV é o desconhecimento. “Em pesquisa realizada no Brasil apenas 8% dos pais sabiam da necessidade de vacinação e dos impactos a longo prazo.” Em seguida, vem o preconceito, já que a dificuldade em discutir sobre sexo e sexualidade junto a crianças e adolescentes os jogam a um mundo desconhecido e os expõem não só a infecções sexualmente transmissíveis como também a gestações indesejadas. E, por fim, diz ele, há o negacionismo: “Desinformações com relação a vacinas e efeitos adversos inexistentes vêm sendo crescentes nas últimas décadas, porém sem nenhum respaldo técnico ou científico”.

No presente estudo, identificou-se que as postagens dos pais descreveram preocupações sobre segurança, efeitos adversos e eficácia da vacina. Em particular, as preocupações de segurança da vacina eram frequentemente baseadas em relatos como “nova e não testada”, com alguns posts expressando uma falta de

confiança nas empresas farmacêuticas e no governo, criadores da vacina “para o lucro, com os efeitos colaterais sendo negligenciados”. “Esses sentimentos refletem pesquisas recentes que encontraram mensagens antivacina no Twitter focadas em questões de segurança e teorias de conspiração”, comenta a oncologista. “Com esse resultado, sugere-se fortemente que os coordenadores da campanha continuem a fornecer informações atualizadas sobre a segurança da vacina em linguagem simples para a população.”

A campanha de mídia social *HPV Vaccination NOW* criou oportunidades para o público-alvo se envolver com as mensagens da campanha e um espaço acolhedor para os pais discutirem a vacina contra o HPV, garantindo informações seguras para discussão, com engajamento, respondendo a todas as postagens.

Batista afirma que para mudar esse cenário de desinformação no país é necessário investir em políticas públicas e privadas de informações sobre o impacto positivo das vacinas a médio e longo prazo e desmistificar procedimentos como o Papanicolau e sua necessidade anual. “O desenvolvimento de um cartão para a mulher, nos moldes do cartão de vacinação, pode ajudar”, sugere. Além disso, ele acredita

que a criação de benefícios sociais agregados à realização de exames preventivos e de vacinação podem ser fatores que contribuam ao aumento da adesão.

OMS, EVA E CÂNCER DE COLO DE ÚTERO

O plano estratégico da Organização Mundial da Saúde (OMS) para a eliminação do câncer de colo de útero propõe uma meta de incidência de 4 ou menos casos por 100 mil mulheres por ano. Para atingir esse objetivo ela propõe metas de 90% das meninas vacinadas contra HPV aos 15 anos de idade, 70% das mulheres rastreadas duas vezes na vida (aos 35 e 45 anos) e 90% de adesão às recomendações de tratamento para as lesões pré-câncer e invasivas.

Considerando-se uma estrutura populacional que atribui a incidência de câncer em mulheres jovens a uma significativa parcela dos casos, como ocorre no Brasil, espera-se que o impacto da vacina reflita mais rapidamente no alcance da meta proposta pela OMS e, assim, na eliminação do câncer de colo de útero. “Por outro lado, as estruturas populacionais com idade avançada que representam mais a incidência de câncer entre as mulheres mais velhas provavelmente gere taxas padronizadas por idade mais alta e, portanto, um ano de eliminação posterior. Isso implicaria maior ênfase política na importância da triagem”, comenta Samora.

A cobertura vacinal contra o HPV tem sido decepcionantemente baixa em todo o mundo e apenas 1,4% de todas as mulheres elegíveis receberam um curso completo da vacinação contra o HPV. “Além disso, há iniquidade no acesso às vacinas contra o HPV. Em regiões de alta renda 33,6% das mulheres entre 10 e 20 anos receberam o curso completo da vacina contra o HPV, em comparação com apenas 2,7% nas regiões de menor renda”, pontua a oncologista. Percebe-se, portanto, que a população de países que carregam a maior parte da carga de doenças relacionadas ao HPV em todo o mundo tem menos acesso às vacinas.

“Objetivar 90% de cobertura vacinal contra HPV exige o desenvolvimento de estratégias e aceleradores para o alcance dessa meta, entre eles: fornecimento de vacinas acessíveis contra o HPV, introdução da vacina contra HPV nos programas nacionais de imunização de mais países e maior qualidade e cobertura da prestação de serviço de imunização”, afirma Samora. Aumentar a cobertura da vacinação contra o HPV exigirá a construção de plataformas inovadoras, multissetoriais, eficientes e sustentáveis.

Nesse sentido, o desenvolvimento de campanhas na mídia social se torna uma

importante ferramenta nos dias atuais, já que as redes sociais se tornaram um espaço dinâmico para debate de ideias e mobilizações sociais, com evidente interferência da rede na sociedade e no relacionamento entre os indivíduos.

O EVA — Grupo Brasileiro de Tumores Ginecológicos, do qual Samora faz parte, é uma entidade sem fins lucrativos formada por médicos e profissionais da saúde envolvidos em prevenção, tratamento, suporte ou pesquisa nas neoplasias ginecológicas. Esse grupo formou-se em 2010 e desde então, sob a coordenação da Dra. Angélica Nogueira, tornou-se uma referência nacional, firmando parcerias com as principais sociedades, incluindo a Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC). “Deixo aqui, inclusive, o convite para que todos colegas que se interessarem pelo estudo desse grupo de tumores acessem o site do EVA [www.eva.org.br] e se juntem aos demais membros”, diz.

“O Movimento Brasil sem câncer do colo do útero é mais um dos brilhantes projetos desse tão nobre grupo na tentativa de erradicar o câncer de colo de útero nas mulheres brasileiras, vitimizadas pelas iniquidades sociais e pela baixa sobrevida relacionada a essa doença em estágios avançados”, finaliza ela.

Batista lembra que o oncologista tem papel fundamental na prevenção: “Sua experiência em tratar as mais diversas patologias referentes à infecção do HPV o torna o maior interlocutor junto à população sobre as terríveis consequências desse vírus. Sua relevância torna sua voz a mais impactante nesse coro em que a informação de qualidade tem como objetivo final a prevenção de uma das doenças mais mortíferas de nossa geração”, conclui.

REFERÊNCIA DESTA EDIÇÃO

VEJA A PUBLICAÇÃO COMPLETA EM:

Correcting HPV Vaccination Misinformation Online: Evaluating the HPV Vaccination NOW Social Media Campaign. Sundstrom B, et al. *Vaccines* (Basel). 2021;9(4):352.

www.mdpi.com/2076-393X/9/4/352



EXPEDIENTE

Publisher

Simone Simon

Editora e jornalista responsável

Daniela Barros (Mtb-SP: 39.311)

Curadoria

Sensu Comunicação - Moura Leite Netto

Reportagens

Jiane Carvalho
Mariana Lenharo
Martha San Juan França

Marketing Médico Oncoclínicas

Anna Carolina G. Cardim Azevedo
Débora Castro Giraldi
Renata Canuta Tenório

Arte e diagramação

Paulo Henrique Azevedo Stabelino

Mídias digitais

Ana Floripes Mendonça

Revisão

Patrícia Cueva
Renata Lopes Del Nero

ESTUDOS EM DESTAQUE - HEALTH

Veja abaixo o resumo de pesquisas multidisciplinares relevantes no mês para o aprofundamento nos temas:

Estilo de vida e síndrome de Lynch

Peso corporal, atividade física e risco de câncer na síndrome de Lynch

A síndrome de Lynch (SL) aumenta a predisposição hereditária para o desenvolvimento de câncer, porém existe também uma variação individual considerável na ocorrência de câncer que pode ser moderada por fatores do estilo de vida, como peso corporal e atividade física. A partir dessa premissa, os autores conduziram um estudo retrospectivo com dados de registro de câncer para investigar associações entre peso corporal, atividade física e risco de câncer entre os portadores de SL na Finlândia.

A mudança de peso longitudinal foi associada a um risco aumentado de todos os cânceres em homens. A mudança de peso a curto prazo foi associada a um risco menor de câncer colorretal em mulheres. Os homens do grupo de alta atividade tiveram o risco de câncer longitudinal 63% menor em comparação com os homens do grupo de baixa atividade.

Esses resultados enfatizam o papel da manutenção do peso e da atividade física de alta intensidade ao longo da vida na prevenção do câncer, particularmente em homens com SL.

*Sievänen T, Törmäkangas T, Laakkonen EK, Mecklin JP, Pylvänäinen K, Seppälä TT, et al. Body Weight, Physical Activity, and Risk of Cancer in Lynch Syndrome. *Cancers (Basel)*. 2021 Apr 13;13(8):1849.*

<https://www.mdpi.com/2072-6694/13/8/1849>



Terapias hormonais e sistema cardiovascular

Impacto das terapias hormonais para o tratamento de cânceres dependentes de hormônios (mama e próstata) no sistema cardiovascular: efeitos e modificações: uma declaração científica da American Heart Association

As doenças cardiovasculares e o câncer são as principais causas de morte nos Estados Unidos, e os cânceres dependentes de hormônio (câncer de mama e de próstata) são as doenças malignas não cutâneas mais comuns em mulheres e homens, respectivamente.

Se por um lado as terapias hormonais (relacionadas ao sistema endócrino) servem como base para o tratamento de ambos os cânceres e melhoram a sobrevida, por outro lado elas aumentam a morbidade e a mortalidade cardiovascular entre os sobreviventes.

Enfatiza-se o uso de uma abordagem multidisciplinar para a implementação de estratégias de estilo de vida e farmacológicas para gerenciamento e redução de risco durante e após o tratamento ativo.

*Okwuosa TM, Morgans A, Rhee JW, Reding KW, Maliski S, Plana JC, et al. Impact of Hormonal Therapies for Treatment of Hormone-Dependent Cancers (Breast and Prostate) on the Cardiovascular System: Effects and Modifications: A Scientific Statement From the American Heart Association. *Circ Genom Precis Med*. 2021 Apr 26;HCG00000000000000082.*

<https://www.ahajournals.org/doi/abs/10.1161/HCG.0000000000000082>



Prevenção de câncer

Prevenção do câncer avançado por suplementação com vitamina D³: interação por índice de massa corporal revisitado

Metanálises de ensaios clínicos randomizados demonstraram um efeito protetor da suplementação de vitamina D³ (colecalférol) contra a mortalidade por câncer. No estudo VITAL, um ensaio clínico randomizado que incluiu 25.871 homens com 50 ou mais anos e mulheres com 55 ou mais anos, avaliaram-se os efeitos protetores da suplementação de vitamina D³ em relação à incidência de qualquer câncer.

Entre aqueles com câncer diagnosticado, a suplementação de vitamina D³ foi associada a um risco significativamente reduzido de câncer avançado. Os padrões observados apontam para perda de peso pré-diagnóstico de pacientes com câncer e efeitos preventivos da suplementação de vitamina D³ na progressão do câncer como explicações plausíveis para o índice de massa corporal (IMC).

Pesquisas adicionais que visem explorar de forma mais abrangente o potencial da terapia adjuvante com vitamina D para pacientes com câncer devem ser uma prioridade, ressaltam os autores.

*Brenner H, Kuznia S, Laetsch C, Niedermaier T, Schöttker B. Prevention of Advanced Cancer by Vitamin D3 Supplementation: Interaction by Body Mass Index Revisited. *Nutrients*. 2021 Apr 22;13(5):1408.*

<https://www.mdpi.com/2072-6643/13/5/1408>



Insuficiência cardíaca e câncer

Associação entre insuficiência cardíaca e câncer incidente em mulheres: uma análise da Women's Health Initiative

Este estudo de coorte prospectivo com 146.817 mulheres pós-menopáusicas com idade entre 50 e 79 anos — inscritas na Women's Health Initiative de 1993 a 1998, em seguimento até 2015 — aponta que, ao longo de um acompanhamento médio de 8,4 anos, 3.272 e 17.474 mulheres desenvolveram insuficiência cardíaca (IC) e câncer, respectivamente.

A IC se desenvolveu em 235 mulheres antes do câncer e foi associada a um aumento nos diagnósticos de câncer em mulheres na pós-menopausa. Essa associação foi mais forte para o câncer de pulmão. Mais pesquisas são necessárias para avaliar os mecanismos subjacentes responsáveis por essa associação.

Leedy DJ, Reding KW, Vasbinder AL, Anderson GL, Barac A, Wactawski-Wende J, et al. The association between heart failure and incident cancer in women: An analysis of the Women's Health Initiative. *Eur J Heart Fail.* 2021 May 1.

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ehf.2207>



Atividade física e câncer

Atividade física ocupacional e longevidade em homens e mulheres que trabalham na Noruega: um estudo de coorte prospectivo

Neste estudo de coorte prospectivo, os resultados para mortalidade por doenças cardiovasculares e câncer mostraram um padrão semelhante e não foram observadas diferenças claras nos tempos de sobrevivência entre os grupos de atividade física ocupacional em mulheres. Os dados, por sua vez, sugerem que a atividade física ocupacional moderada a alta contribui para a longevidade em homens. Esses resultados, acreditam os autores, podem levar a futuras diretrizes de atividade física para a saúde pública.

Dalene KE, Tarp J, Selmer RM, Ariansen IKH, Nystad W, Coenen P, et al. Occupational physical activity and longevity in working men and women in Norway: a prospective cohort study. *Lancet Public Health.* 2021 Apr 28:S2468-2667(21)00032-3.

[https://www.thelancet.com/journals/lanpub/article/PIIS2468-2667\(21\)00032-3/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanpub/article/PIIS2468-2667(21)00032-3/fulltext)



Cuidados paliativos

Qualidade de vida para pacientes idosos com câncer: relação entre angústia psicoespiritual e construção de significado durante a terapia da dignidade

Os participantes deste estudo completaram medidas de autorrelato de base de sofrimento psicoespiritual (ou seja, sofrimento relacionado à dignidade, sofrimento espiritual, qualidade de vida), antes de participar da Terapia da Dignidade (abordagem psicossocial breve, que visa oferecer alívio dos sintomas de sofrimento).

Vinte e cinco pacientes ambulatoriais com câncer em estágio avançado e sintomas moderados relacionados ao câncer foram recrutados. Os pacientes com maior significado foram aqueles que, no início do estudo, relataram sofrimento psicoespiritual significativamente maior, incluindo maior sofrimento relacionado à dignidade, maior sofrimento espiritual e menor qualidade de vida.

A conclusão é que a criação de significado foi considerada um componente central da Terapia da Dignidade. Particularmente, ressaltam os autores, os pacientes que experimentam maior sofrimento ao enfrentar sua doença usam a sessão de Terapia da Dignidade para expressar como eles criaram sentido em sua vida.

Bluck S, Mroz EL, Wilkie DJ, Emanuel L, Handzo G, Fitchett G, et al. Quality of Life for Older Cancer Patients: Relation of Psychospiritual Distress to Meaning-Making During Dignity Therapy. *Am J Hosp Palliat Care.* 2021 Apr 29:10499091211011712.

<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/10499091211011712>



Qualidade de sono e câncer

Efeito de duas intervenções na qualidade do sono para sobreviventes de câncer adolescentes e jovens adultos: um ensaio-piloto, randomizado e controlado

Foi conduzido um ensaio clínico randomizado com 143 adolescentes ou jovens adultos (AJA) sobreviventes de câncer. Os participantes foram aleatoriamente designados a um grupo de controle, que realizou cuidados de rotina, e aos grupos de atividade física (AF) e de atividade comportamental (AC).

O trabalho mostra que nas semanas 1 e 12 após a intervenção para a qualidade do sono, houve diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de AF e o grupo controle, mas não foi encontrada nenhuma diferença estatisticamente significativa entre o grupo de AC e o grupo controle. A conclusão é que a terapia com AF baseada em dispositivo vestível inteligente tem mais vantagens do que a terapia de AC modificada baseada na internet.

O desenvolvimento e a implementação de planos de AF para AJA sobreviventes do câncer podem melhorar a qualidade do sono, mostra o estudo. Mídias sociais, dispositivos vestíveis inteligentes e aplicativos móveis de saúde têm vantagens exclusivas na promoção da qualidade do sono para AJA sobreviventes do câncer, ressaltam.

Li L, Wang L, Sun Q, Xiao P, Duan Y, Liu X, et al. Effect of Two Interventions on Sleep Quality for Adolescent and Young Adult Cancer Survivors: A Pilot Randomized Controlled Trial. *Cancer Nurs.* 2021 Apr 21.

https://journals.lww.com/cancernursingonline/Abstract/9000/Effect_of_Two_Interventions_on_Sleep_Quality_for.98843.aspx



Mídias sociais, sarcomas e pacientes adolescentes e jovens adultos

O papel das mídias sociais no suporte de amigos para pacientes adolescentes e jovens adultos (AJA) sobreviventes de sarcoma: perspectivas de AJA, pais e provedores

Conectar-se com colegas por meio da mídia social pode desempenhar um papel importante no fornecimento de suporte para pacientes adolescente e jovens adultos (AJA) com diagnóstico de sarcoma, mas também pode amplificar o sentimento de frustração e ansiedade, aponta estudo.

Neste trabalho, quatro temas principais associados ao apoio social de amigos e mídia social foram identificados: (1) A mídia social fornece uma maneira de se sentir normal e conectado aos amigos; (2) A mídia social acentua a frustração de ser abandonado; (3) A mídia social facilita a necessidade de ser compreendido por colegas que sofreram de sarcoma; (4) A mídia social pode levar ao desespero e também fornecer esperança para o futuro.

Os autores concluem que trabalhos futuros são necessários para determinar os componentes de intervenção que podem maximizar os benefícios da mídia social para o suporte social de AJA com sarcoma.

Donovan E, Martin SR, Seidman LC, Zeltzer LK, Cousineau TM, Payne LA, et al. The Role of Social Media in Providing Support from Friends for Adolescent and Young Adult (AYA) Patients and Survivors of Sarcoma: Perspectives of AYA, Parents, and Providers. J Adolesc Young Adult Oncol. 2021 Apr 12.

<https://www.liebertpub.com/doi/10.1089/jayao.2020.0200>



IMC, nutrição e câncer

Assinaturas metabólicas de maior tamanho corporal e suas associações com risco de câncer colorretal e endometrial na Investigação Prospectiva Europeia sobre Câncer e Nutrição

A obesidade está associada a uma assinatura metabólica distinta, que compreende alterações nos níveis de aminoácidos e lipídios específicos, que está positivamente associada ao câncer colorretal e endometrial e é potencialmente reversível depois da perda de peso.

Estas são as principais observações feitas a partir do estudo com dados de metabolômica de espectrometria de massa que foi direcionada de 4.326 participantes inscritos na coorte de Investigação Prospectiva Europeia sobre Câncer e Nutrição (EPIC) e 17 indivíduos de uma intervenção-piloto para perda de peso de braço único (Intercept).

Kliemann N, Viallon V, Murphy N, Beeken RJ, Rothwell JA, Rinaldi S, et al. Metabolic signatures of greater body size and their associations with risk of colorectal and endometrial cancers in the European Prospective Investigation into Cancer and Nutrition. BMC Med. 2021 Apr 30;19(1):101.

<https://bmcmmedicine.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12916-021-01970-1>



O combate à covid-19 já virou um **hábito**.



Tenha uma
alimentação
saudável

Pratique
atividade
física

Visite
regularmente
seu médico e
faça exames
preventivos



Que tal fazer o mesmo com o combate ao câncer?

O mundo mudou com a pandemia. Aproveite o clima de mudança para adotar hábitos que ajudem também na prevenção do câncer. **O Desafio dos 21 Dias Oncoclínicas é um convite e um estímulo.** Nele, você adota um novo hábito em sua rotina – beber mais água, por exemplo – e, ao final, terá a grata surpresa de vê-lo fazer parte do seu dia a dia. Informe-se e participe!



Leia o QR Code para
mais informações sobre
o **DESAFIO DOS 21 DIAS** ou
visite grupooncoclinicas.com
/movimentopelavida



 **oncoCLINICAS**

Sua vida. Nossa vida.

Responsável técnico: Dr. Bruno Lemos Ferrari | CRM-MG 26609



Conheça a nova plataforma de ensino do Instituto Oncoclínicas.



CONHECIMENTO
CONTÍNUO PARA UM
EXERCÍCIO DIÁRIO.

ACADEMIA

O Instituto Oncoclínicas acaba de lançar o OC Academia: sua nova plataforma de educação a distância para o aperfeiçoamento profissional e a qualificação médica.

Cursos com a excelência e a chancela de um dos maiores grupos de oncologia, hematologia e radioterapia da América Latina: o Grupo Oncoclínicas.


O conhecimento espera por você.

Acesse: www.ocacademia.com

INSTITUTO
 ONCOCLÍNICAS

 ONCOCLÍNICAS

Responsável técnico: Dr. Bruno Lemos Ferrari - CRM-MG 26609



9^o
SIMPÓSIO
INTERNACIONAL ONCOCLÍNICAS
E DANA-FARBER CANCER INSTITUTE

29 E 30 DE OUTUBRO DE 2021

SAIBA MAIS: simposiooc.com.br

Realização:



Responsável técnico: Dr. Bruno Lemos Ferrari - CRM-MG 26609

 JOURNAL

INSTITUTO
 ONCOCLÍNICAS

TENHA ACESSO A TODAS AS EDIÇÕES DO OC JOURNAL,
ENTREVISTAS, BANCO DE AULAS DO SIMPÓSIO E A
MUITOS OUTROS CONTEÚDOS CIENTÍFICOS:



www.grupooncoclinicas.com/ocjournal



www.simposiooc.com.br

**Acesse também por meio do QR Code.*



SÃO PAULO

Av. Presidente Juscelino Kubitschek, 510
2º andar | Itaim Bibi | São Paulo/SP
CEP: 04543-906 | Tel.: 11 2678-7474